

Material de apoio ao professor
Contextualização da obra

Diga um verso bem bonito!

Trovas

Maria José Nóbrega e Rosane Pamplona (Org.)

Ilustrações de **Marcelo Cipis**

Coordenação pedagógica **Maria José Nóbrega**



De Leitores e Asas

Maria José Nóbrega

“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”

Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a essas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que estão a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas, diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos esses elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, decepção por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos, assim como os horizontes de um leitor e os de outro. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “meu amor não quer voltar”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “não pode” que está escrito, é “não quer”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou? Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira etc.? O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 37ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

Um pouco sobre Maria José Nóbrega e Rosane Pamplona, as organizadoras de *Diga um verso bem bonito! Trovas*

Maria José Nóbrega nasceu em outubro de 1952, na Casa Verde, em São Paulo. Do tempo de menina guardou a memória das brincadeiras que desabrocharam com toda a força quando nasceram suas duas filhas. Foi o desejo de compartilhar com elas as brincadeiras de sua infância que fez com que começasse a colecionar parlendas, adivinhas, trovas, cantigas... Como professora, descobriu a força desses gêneros para ensinar crianças a ler e a escrever e, assim, segundo ela, fazer com que entrem no mundo da escrita de braço dado com a tradição oral de nosso povo. Maria José tem mestrado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Participou da equipe de elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (Ensino Fundamental II e Educação de Jovens e Adultos). Atua como assessora de Língua Portuguesa na concepção de programas de formação continuada de professores da rede pública de São Paulo.

Rosane Pamplona nasceu na cidade de São Paulo e viveu sua infância na Avenida Paulista, em um tempo em que ainda era possível brincar nas ruas, com a turma do quarteirão. Passava suas férias “na roça”, como ela diz, e foi lá que aprendeu a dizer versos bonitos na brincadeira de roda. Lembra-se da alegria genuína que sentia brincando de gato e rato, de pular corda e de cabra-cega. Acredita que essas experiências instigaram nela a curiosidade, a admiração e o amor pela língua.

É professora, formada em Letras pela Universidade de São Paulo. Trabalhou em várias escolas e universidades, mas atualmente ganha a vida com seus livros, dando cursos de formação para professores e também se apresentando como contadora de histórias.

A obra

Essas pequenas quadras nos fazem lembrar que a poesia não é privilégio de eruditos. Ela pode ser simples, muito singela e, ainda assim, oferecer espaço para que as pessoas possam expressar seus sentimentos e suas percepções de mundo. Os temas que encontramos nas trovas são muitas vezes universais, frequentes não somente nessa poesia oral e simples, mas também na poesia mais sofisticada. É de uma forma muito leve, porém com uma sinceridade evidente, que as trovas falam de coisas complicadas e doloridas, tais como amor, casamento, saudade, ciúme, tristeza, perda.

Às vezes cômicos, às vezes líricos, às vezes comoventes, esses versos nos proporcionam reações diversas, pois suas imagens singelas fazem rir, encantam e surpreendem.

As chamadas “trovinhas” ou “quadrinhas” quase sempre são escritas em redondilha maior, o tipo de versificação mais comum na poesia e no cancionero popular. Talvez essa característica seja mais uma razão para explicar por que esses versos são tão saborosos – não apenas por suas imagens leves e deliciosamente ingênuas, mas também pela fluência de seu ritmo, um ritmo que reconhecemos das canções da nossa infância.

Comentários sobre a obra

Diga um verso bem bonito! é uma antologia de quadras e trovas, que são pequenos poemas compostos de quatro versos que apresentam sete sílabas poéticas. Nessa forma poética, as rimas ocorrem, normalmente, entre o segundo e o quarto verso. Quase sempre se dividem em duas metades, em função da temática desenvolvida ou da estrutura oracional. Pode acontecer de a primeira metade não ter relação lógica com a segunda, funcionando apenas como estratégia de preenchimento.

Quanto à temática, há trovas líricas, que tratam de sentimentos como amor, ciúme, saudade etc.; filosóficas, que expressam ensinamentos e máximas; humorísticas, que buscam fazer rir; e, ainda, as infantis, que trazem ensinamentos aos pequeninos.

Quadro-síntese

Gênero: Texto da tradição popular.

Componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Ciências.

Temas contemporâneos: Vida familiar e social; diversidade cultural.

Público-alvo: Pré-escola (crianças de 4 e 5 anos da Educação Infantil).